

Ensayo Político rls

Fundación Rosa Luxemburg, Franz-Mehring-Platz 1, 10423 Berlin
www.rosalux.de, info@rosalux.de

RAINER RILLING

Sobre a economia forte e a política forte

Alguns comentários acerca do novo debate sobre o imperialismo

Vivemos em um período de mudanças e transformações e em um mundo com uma nova diversidade e novas formas do capitalismo. A estrutura hegemônica desse novo período de transformações foi e ainda é o neoliberalismo. Todavia, suas justificativas ideológicas, há pouco ainda tão fortes, não somente na América Latina, na Europa e ainda na Rússia, mas de uma forma diferente, estão perdendo a sua força. Ao mesmo tempo, a luta travada entre os seus representantes no centro capitalista pelo seu futuro está a todo vapor. Trata-se da questão, se o projeto para um *neoliberalismo neoimperial* pode-se tornar dominante dentro do campo neoliberal global.

Economia forte: Neoliberalismo

As condições para a geração e o crescimento do neoliberalismo foram a crise do *estado do bem-estar* fordiano, a perda de hegemonia dos EUA na década de 60 e no início da década de 70 e a política de discursos pacientes e eficientes das *think tanks* e redes neoliberais, mais tarde o corte em forma de crise em meados da década de 70 em muitas sociedades capitalistas desenvolvidas e, finalmente, a sua capacidade e disposição em unir e associar de forma incomum os diferentes atores, tendências e culturas político-sociais, ideológicas e culturais. Não obstante, a verdadeira matriz *material* da economia política do neoliberalismo, assim como o seu forte motor político foi o sul dos EUA. O caminho seguido por eles foi a área de condições e poder do militarismo da Guerra Fria. Nesse aspecto, o neoliberalismo é um projeto dos Estados Unidos. O *capitalismo dixie* ao sul dos Estados Unidos, o *regime do Wallstreet-Dollar* ao norte, a economia militar ligada ao estado e a cultura de guerra da *Guerra Fria* e as ideologias *entusiasmadas do mercado* da sociedade *Mont Pelerin* ou da *Chicago School*, configuraram o neoliberalismo global da década de 80 e 90 como novo projeto político. Seu conteúdo foi a *determinação de todas as áreas da vida dos diferentes regimes fordianos de segurança social e integração solidária por commodities e pelo mercado*. Esse neoliberalismo é um modelo de sociedade e domínio da *economia forte*.

Política forte: Império neoliberal

Enquanto desde a década de 70 e depois mais fortemente na década de 80 o *neoliberalismo* se estabeleceu como lógica e forma de *domínio e regulação da sociedade*, fortalecendo a economia de nova forma, colocou-se na década de 90 a questão da recriação do *sistema internacional* e com isso da *política* em primeiro plano. Agora trata-se de uma reavaliação da relação da globalização neoliberal e do globalismo militar na tentativa de realizar o *novo projeto de um império neoliberal*. A *tradição* imperialista do projeto já tem uma história centenária. Seu *ambiente* neoliberal foi criado nós últimos quarenta anos. Os seus *atores* mais poderosos encontraram-se nos últimos vinte e cinco anos. Sua ambição, sua conduta e o perfil de sua grande estratégia foram construídos na década de 90. O seu *catalisador*, assim como o seu sucesso na política dos poderes ocorreu finalmente em 9/11. A longa guerra do Iraque é a sua primeira *prova*.

O projeto neoimperial

Atualmente existe somente uma *grande estratégia de uma política forte da ordem do mundo*, a qual é explícita, impositiva e relativamente coerente: a dos Estados Unidos. Sua idéia é: *A proteção do capitalismo globalizado por meio de um Império Americano a longo prazo, que não pode ser desafiado*. O seu ponto de partida é uma constatação: existe uma disparidade *global qualitativamente nova de poder* entre os EUA e o «resto do mundo». A segunda idéia é que pela primeira vez desde o surgimento da sociedade burguesa, esse desequilíbrio dos poderes pode ser estabelecido *a longo prazo*. A idéia estratégica do *American Empire* constata, portanto, o *ponto de partida* de uma diferença de poder nova e qualitativa entre os EUA e o resto do mundo («*american empire*»), formula um *objetivo* extraordinário; de proporcionar esse *a longo prazo* em todo o globo («*pax americana*») enfatizando também com novo peso o método de um poder ativista para tal («*military superiority beyond challenge*», «*war against terror*», «*prevention*»). Tal modelo, neoimperial *abrange de forma bastante contraditória as práticas tradicionalmente neoliberais e imperiais* – ou seja, o forte Estado de Segurança Nacional com um

»pequeno governo«, a determinação do Estado pelo mercado com a sua politização mediante o sigilo, o fortalecimento do Poder Executivo e a ampliação de um Estado de Segurança forte, a hegemonia através do consenso com a hegemonia através da obrigação caracterizada pela preempção, o capitalismo privado dos acionistas com um complexo industrial e militar, alimentado pelo estado, as reduções de impostos com as dívidas estaduais, a infinidade dos mercados financeiros globais com os limites da geopolítica territorial da indústria militar, de armamento e de extração (óleo!), o multilateralismo e o unilateralismo, a integração mediante inclusão informal com a ocupação, protetorados e políticas da exclusão, a igualdade formal com o direito hegemônico e desigualdade, o liberalismo com neoconservatismo militarizado, a disciplina do mercado livre com a disciplina militar e dos novos *landscapes of fear*, os guerreiros políticos que lutam por uma política forte, com os radicais do mercado que procuram o enfraquecimento do estado de mercado e da política, o empreiteiro da sua própria força de trabalho e a burguesia com o ocupante.

Seus Sujeitos

Essa grande estratégia neoimperial é apresentada por uma aliança da direita nacionalista, que está se fortalecendo há três décadas a partir dos *think-tanks*, *policy shops*, fundações, mídia, grupos, aparatos estatais e organizações políticas. No centro, temos um *corpo de poder único* de *Warriors* neoconservadores e reaganistas radicais, *fundamentalistas* cristãos e *neoliberais* radicais orientados no mercado – ou seja, uma mistura de direções heterogêneas bem incomuns. Essa configuração heterogênea da direita política neoimperial dos EUA é uma inovação política sem precedentes.

As raízes desse grupo de poderes neoimperial remontam à década de 70. Na época, confiava-se na política de confrontação ao invés de distensão e no poder militar ou seja, *política da força*. Naquele momento nasceu um paradoxo do poder não percebido por muito tempo: a geração dos sacerdotes do *neoliberalismo radical de mercado* na OCM, no FMI e no Banco Mundial é a mesma geração dos *political warriors reaganistas* do gabinete de guerra de Bush. A perda da guerra do Vietnã pelos EUA caracterizou a imagem de sua política externa e das relações entre os EUA e o mundo. Seu mundo ideológico está focalizado na grandeza épica de Roma como utopia do poder neoimperial, a cultura dos guerreiros e a moral política. Eles de qualquer forma são *»guerreiros políticos«* (Robin), às vezes diplomáticos (Powell), mas, via de regra, marciais (Rumsfeld) – eles não se deixam impressionar por algumas fotos de torturas. Na história da política externa dos EUA é a geração militarista. Nos anos 70 e 80 essa geração trabalhou na reconstrução do poder militar americano após o Vietnã, combatendo o discurso do declínio americano. A transformação na década de 90 foi vivida como o maior triunfo na história estadunidense: os EUA haviam vencido a terceira guerra, a Guerra Fria. Nos anos 90, os militantes do *political warriors* elaboraram a concepção de um novo papel principal ofensivo do fator militar. Depois de 9/11, o objetivo tem sido a realização de um projeto militar-imperial. Essa geração viveu aquele período como história de sucesso. E por fim, nada parecia impossível – nem mesmo um império americano. Ao olharmos para aquela geração, iluminamos o sinal central do tempo dessas três décadas: a nova

ascensão dos EUA no sistema internacional. A aliança representa essa história. O seu projeto político forma concepcionalmente cada vez mais uma dimensão imperial. Na prática política, este, no entanto, oscila entre o internacionalismo hegemônico e imperial. O projeto, contudo, não está ausente de pressupostos, mas dá continuidade à linha hegemônica de tradições da política externa dos EUA.

Seus objetivos

A política externa dos EUA é e foi caracterizada pelo objetivo duplo *»to make world safe for capitalism«* [tornar o mundo seguro para o capitalismo] e *»to ensure American primacy within world capitalism.«* [garantir a primazia dos EUA no mundo capitalista] Garantir o mundo capitalista significa tomar em princípio uma posição frontal contra formações tendencialmente e de fato não capitalistas, na verdade portanto: eliminação de formações anticapitalistas mediante integração ou destruição. Assegurar a primazia dos EUA exige a proteção da dominância específica na relação de concorrência entre os estados centrais capitalistas, assim como a dominância geral no sistema internacional. O primeiro significa impedir que surja um concorrente eurasiático, ou *»limitá-lo«* e controlar suas potenciais zonas limítrofes (Oeste Europeu, Oriente Próximo, o *»Arco Pacífico«*). Esse é o objetivo clássico e central da geoestratégia estadunidense. Essa é a questão do imperialismo político. Depois da queda do socialismo estadual, os EUA objetivam não somente a *»dissuação«*, mas sim, o *impedimento por meio de bloqueios, inclusão e intervenção preventiva já desde início a ocorrência de uma situação de concorrência*. Essa nova forma de intervencionismo é o primeiro problema qualitativamente novo, com o qual o projeto do império neoliberal tenta reagir.

A proteção da primazia estadunidense, por outro lado, significa muito além, formar uma mercadoria de troca específica dos EUA no *big deal* global – a *»proteção do mundo para o capitalismo«* – de tal forma que ela ao mesmo tempo incentive essa primazia mantendo o sistema internacional político e econômico inteiro acessível e aberto aos EUA (*open door, free trade, access*), impedindo, portanto, fechamentos, mercantilismo ou políticas de autarquias. Aqui trata-se da questão da formação de *todo* o sistema internacional, e não *»somente«* do problema, como um concorrente hegemônico pode ser evitado ou desligado. Pela primeira vez agora de fato trata-se da produção imediata de *Ordem Mundial*. Essa é a segunda colocação do problema qualitativamente nova, com a qual o projeto do império neoliberal tenta reagir. E esse é o único projeto americano da atualidade. *Podemos, portanto, denominá-lo questão do império*.

Impérios

Os impérios por sua vez possuem uma base territorial, caracterizada pelo seu tamanho e pelo seu alcance (*reach*) global, motivo pelo qual a geopolítica se tornará o assunto obrigatório de qualquer projeto imperial (*»producing world order«*); eles fundamentam sua política via de regra em cálculos de tempo a longo prazo (*»1000 anos«* ou até mesmo: *»para sempre«*), caracterizam-se em

relação ao seu ambiente por grandes vantagens na disponibilização de recursos [capital / riqueza, setores de produção tecnológicos dinâmicos, cultura, poder] e, partindo destes, a capacidade de reproduzir as condições e o processo da *apropriação* com os meios da obrigação extra-econômica (no núcleo: o processo assimétrico da *acumulação* de capital – atualmente com o peso na *acumulação por meio de desapropriação*), forma esta que eles também utilizarão para se financiar («Tribuot»); eles têm a capacidade de controlar não somente a *política externa*, mas também as áreas dos relacionamentos *internos* de outros países e criar ou controlar uma ordem *hierarquizada entre as nações*, podendo mobilizar recursos de poderes muito diferentes (capital, direito, cultura, violência), que podem ser aplicados tanto *direta e formalmente*, como também *indireta e informalmente* («Penetration»), mas via de regra «cesariana» (não-democraticamente) e com o uso significativo de força e limites morais («inimigo/ amigo» ou «bom/ mau» ou «superior/ inferior»). Aos nativos do mundo os impérios oferecem o *gerenciamento da acumulação global, o acesso a ela e sua proteção, perspectiva e ordem moral*. Uma vez que a forma básica política mais importante do capitalismo globalizado é o Estado nacional, a lógica territorial da hegemonia global como um império que domina *através* de um sistema de estados de forma *informal* – cuja estrutura «formal» só é alterada (como no Iraque) quando um «Estado Vilão» tentar sair do espaço de acumulação capitalista («state change»). *O império americano, que foi criado depois de 1945 foi, portanto, desde o início informal: a penetração de fronteiras e não a sua dissolução é o seu modo de trabalhar*. Não foi *command empire* (Gowan). O projeto de derrubar um neoliberalismo imperial estadunidense tem um significado decisivo para a futura forma da ordem política global – e seu estado interno. Um dentre muitos começos seria dar o nome correto a esse projeto: Império.

Prof. Dr. Rainer Rilling, sociólogo, trabalha como docente en la Universidad de Marburg y es miembro del área de trabajo análisis político de la Fundación Rosa Luxemburg.

Rosa Luxemburg

Rosa Luxemburg es, junto con Karl Liebknecht, la representante más importante de las posiciones socialistas izquierdistas, antimilitaristas e internacionalistas del Partido Socialdemócrata antes de 1918, siendo una crítica apasionada y convincente del capitalismo, pero también de las ambiciones antidemocráticas y dictatoriales de los Bolcheviques. A la lógica de las leyes económicas y las estrategias políticas opuso la Utopía de un nuevo mundo a crear en contra de la desesperación, la privación de derechos, la cobardía y la corrupción del poder.

Rosa Luxemburg, nacida el 5 de Marzo de 1871, judía polaca y participante en la revolución rusa de 1905, fue cofundadora del Partido Socialdemócrata del Reino de Polonia y Lituania.

Rosa Luxemburg figuró entre los teóricos dirigentes del ala izquierda del Partido Socialdemócrata de Alemania (SPD). Durante la Primera Guerra Mundial y la Revolución de Noviembre, participó de manera decisiva en la fundación del Partido Comunista de Alemania (KPD). Su destino está inseparablemente relacionado con la división del movimiento obrero alemán y las confrontaciones en parte irreconciliables y sumamente graves entre sus diferentes corrientes.

Rosa Luxemburg fue asesinada el día 15 de Enero de 1919, por aquellos círculos de los Cuerpos Francos que más tarde apoyaron abiertamente la toma del poder por parte de los nacionalsocialistas.

Rosa Luxemburg unió en sí de manera impresionante el empeño político, el análisis científico y la ambición de autorrealización como mujer. Ella se comprendía en el conflicto, luchaba a nivel científico y político.

La Fundación Rosa Luxemburg en América del Sur

Al ser inaugurada en julio de 2003 la oficina regional de la Fundación Rosa Luxemburg en Sao Paulo, y cuando se creó el Instituto Fundación Rosa Luxemburg (IFRL), se preguntaban muchas personas: ¿Por qué precisamente en Brasil? Fue decisivo el hecho de que en ese país se ha desarrollado un fuerte movimiento de emancipación, representado mediante los partidos de izquierda y los movimientos sociales, que llevó al cambio en el escenario político en todo el país, y a la victoria electoral del Partido de los Trabajadores (PT) en 2002.

Latinoamérica es un continente en donde las contradicciones del capitalismo neoliberal especialmente se agudizan y donde actualmente se desarrollan diferentes movimientos de emancipación.

La Fundación Rosa Luxemburg busca contrapartes que puedan contribuir con sus experiencias para la cooperación. Junto con otros puede responder a sus motivos fundamentales de trabajo: las demandas de democracia, participación, autodeterminación y justicia social.

Entre sus contrapartes en Brasil se incluyen importantes ONG como son por ejemplo FASE, iBase, y la Fundación Perseu Abramo.

El Instituto Fundación Rosa Luxemburg apoya al Movimiento de los Sin Tierra (MST) a través de cursos de formación. El »laboratorio de políticas públicas« de la Universidad de Río de Janeiro, en el marco de un proyecto con el Instituto Fundación Rosa Luxemburg, se ha propuesto la tarea de acompañamiento a y con las fuerzas políticas; y de realizar encuentros de formación. Con el »laboratorio« como contraparte, se realizó un seminario de varios días de duración con el título: »Reforma o revolución«. Las contrapartes de la Fundación Rosa Luxemburg realizan en Uruguay y Chile proyectos a nivel local, y de desarrollo de las cooperativas en materia de vivienda. Con la participación activa en el Foro Social Mundial, se abrió para el Instituto Fundación Rosa Luxemburg un campo para un diálogo nuevo, provechoso, entre las fuerzas emancipadoras tanto de Europa como de Sudamérica.

Achim Wahl

La Fundación Rosa Luxemburg

- Está comprometida con las ideas, los valores y los objetivos del Socialismo Democrático
- Está cercana al Partido del Socialismo Democrático en Alemania (PDS)
- Actúa sobre todo en los campos de la Educación Política, del análisis de la Sociedad y la Política, así como en el fomento de jóvenes científicos
- Fomenta proyectos de educación emancipadora en América Latina, África, Asia y Europa
- Tiene oficinas en São Paulo (Brasil), Johannesburgo (Sudáfrica), Varsovia (Polonia) y Moscú (Rusia).
- Para obtener información en alemán o inglés:
www.rosalux.de

La Coordinadora de nuestro trabajo en América Latina es
Christiane Schulte: schulte@rosalux.de
La oficina en São Paulo está a cargo de Gert Peukert:
gertp@rls.org.br

Direcciones:

Fundación Rosa Luxemburg
Franz-Mehring-Platz 1
D-10243 Berlin
Teléfono: +49 30 44310-221
Correo electrónico: Info@rosalux.de
Página web: www.rosalux.de

Instituto Rosa Luxemburg Stiftung
Rua Artur de Azevedo, 310
05404-000 São Paulo, Brasil
Teléfono: +55 11 3068 8066
Correo electrónico: rosalux@rls.org.br
Página web: www.rls.org.br